

## CONJUGAÇÃO DO VERBO RESISTIR E ESPERANÇAR

Sandra Cristina Gomes<sup>1</sup>

Querido e saudoso mestre Paulo Freire,

Escuto tantas histórias a seu respeito. Tantos causos bons de escutar. É muita gente que o senhor ajudou a educar. Gente que não sabia ler e escrever e que hoje até sabe ensinar. Gente que trabalhava na roça e só sabia plantar. Gente que cuidava da terra, que construía casas para as outras pessoas morarem. Gente como a gente, que só sabia mesmo era sonhar. Quando alguém vem me contar sobre sua vida e suas obras eu quase começo a chorar. Foram muitas lutas travadas pelo senhor para que a gente pudesse trilhar seu caminho. Sempre sonhei em ser professora e nunca imaginei que um dia teria que lutar para poder ensinar.

Ao ler a sua quinta carta sobre o primeiro dia de aula, escrita às educadoras progressistas no livro **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**<sup>2</sup> me chamou a atenção duas de suas frases brilhantes. Na primeira, o senhor diz que “[...] o educador não é um ser invulnerável. É tão gente, tão sentimento e emoção quanto o educando.” (FREIRE, 1994, p. 45). A segunda me faz lembrar de minha trajetória rumo à profissão docente e diz respeito aos medos que permeiam nossa prática profissional cotidiana:

De fato, o medo é um direito, mas a que corresponde o dever de educá-lo, de assumi-la para superá-lo. Assumir o medo é não fugir dele, é analisar a sua razão de ser, é medir a relação entre o que o causa e a nossa capacidade de resposta. Assumir o medo é não escondê-la, somente assim podemos vencê-la (FREIRE, 1994, p. 44).

Minha trajetória começa assim. Quando eu ainda cursava o ensino médio, não tinha dúvidas de que queria ensinar. Procurei um curso de magistério e, logo naquele ano, o curso, que até então era gratuito, havia sido extinto. Mas, por haver muita demanda, a prefeitura fez parceria com um colégio particular da cidade para que pessoas de baixa renda pudessem fazer o curso. A prefeitura pagava 50% e os alunos 50%. Fiquei sabendo e comecei a pensar em uma maneira de pagar.

Assim, eu ingressei no meu primeiro emprego, trabalhando na cozinha de um restaurante de comida a quilo. Eu ainda era menor de idade na época, tinha quase dezessete anos. Eu trabalhava igual a todas as outras pessoas, porém recebia menos por ser menor de idade. Ainda não tinha conseguido ganhar o suficiente para fazer o curso de magistério. Então segui a vida, estudando e trabalhando. Nessa época, ainda não havia escutado nada sobre o senhor. Nem tinha conhecimento de sua existência.

Terminado o ensino médio, eu consegui o emprego de doméstica. A dona da casa era uma pessoa muito humana e, tanto ela quanto sua mãe, já haviam sido professoras.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Educação PPGE Universidade Federal de Viçosa. Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Viçosa (2009), especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional (2014) e em Supervisão, Inspeção e Orientação Educacional (2017) pela Universidade Cândido Mendes.

<sup>2</sup>FREIRE, Paulo. Primeiro dia de aula. In: FREIRE, Paulo. **Professora Sim, Tia Não: cartas a quem ousa ensinar**. 5. ed. São Paulo: Olho d'Água, 1994. 128 p.

Sabendo de meu desejo, ela se solidarizou comigo e me ajudou a realizá-lo. Então, fiz o magistério muito bem feito, empolgada e feliz. As aulas acabavam às vinte duas horas, mas era o primeiro passo para a realização do meu sonho. E eu estava nas nuvens.

Enquanto frequentava o curso, eu passei pelo estágio e consegui terminá-lo. Por um longo período eu não consegui trabalhar em nenhuma escola e continuei a trabalhar em empregos temporários. Passava meus dias de folga distribuindo currículos nas escolas privadas. Em uma delas, me disseram que *professora preta não podia trabalhar ali e que a escola não poderia contratar uma professora negra porque não saberia qual seria a reação das crianças, posto que lá não havia nenhuma criança negra*. Passei por muitas lutas, até que tive minha primeira oportunidade como professora de Educação Infantil.

Querido Paulo, na noite que antecedeu o meu primeiro dia em sala de aula, não consegui dormir. Tinha muita ansiedade e só pensava em como seria pisar no chão da escola pela primeira vez como professora. Comecei a temer que as crianças – na época com dois anos de idade – não entendessem minha letra no quadro. Não sabia como eu deveria iniciar a aula e nem como me comportar. Não sabia, também, se as crianças me aceitariam. Esse medo não era irracional, pois na experiência anterior que lhe contei a fala sobre eu ser professora e negra me marcaram profundamente. Era um misto de sentimentos. Me sentia feliz e ao mesmo tempo com muito medo, sentia-me animada e insegura de uma só vez.

No meu primeiro dia, eu não via hora de chegar à escola. Cheguei bem cedo e fui apresentada às pessoas, às instalações e, finalmente, à minha turminha. Eu não saberia descrever em palavras meus sentimentos naquele dia, há tantos anos. E sabe o que é engraçado, Paulo? Eu sempre me pego pensando nesse meu primeiro dia como professora, de como todo aquele sentimento de medo e insegurança foi dando lugar a uma força e uma coragem inexplicável. Eu comecei a conversar com as outras professoras, a me apresentar para aquele pequeno grupo de crianças e a escutá-las. Quando percebi, já estava colocando em prática o que havia aprendido no magistério e o que os professores haviam me ensinado sobre sua pedagogia e pensamento. Eu estava ali sentada, fazendo a rodinha de conversa com aquelas crianças, deixando que, através das demandas delas, a aula fluísse. Eu aproveitava cada palavra que elas traziam para dar direcionamento às nossas conversas e às nossas aulas. Como o senhor fazia com suas palavras geradoras

Nesse processo, fui seguindo os seus ensinamentos, observando e buscando agir com sensibilidade e amorosidade. Penso que saber observar e acolher os educandos são elementos essenciais para um bom planejamento, para qualquer idade. Quando o senhor escreve em sua carta que “[...] a jovem professora deve estar atenta a tudo, aos mais inocentes movimentos dos alunos, à inquietação de seus corpos, ao olhar surpreso, à reação mais agressiva ou mais tímida deste aluno ou aluna.” (FREIRE, 1994, p. 45), está nos ensinando a ter esse olhar crítico e cuidadoso, a saber enxergar a identidade cultural dos educandos e a respeitá-los.

Também nos ensina que devemos ser capazes de dialogar e criar estratégias para que haja o crescimento entre educadores e educandos. Percebi, então, sua preocupação em engajar os professores para repensarem sua prática e a maneira de agir em sala de aula. Vejo que, muitas vezes, nós deixamos nossa prática limitada ao que já estamos acostumados no nosso dia a dia. Se ainda hoje, encerrando o ano de 2022, o senhor ainda estivesse aqui, poderia ver como foi importante todas as lições que deixou para nós futuros professores e professoras. Como suas ideias são positivamente propagadas e seguidas entre os educadores

progressistas. Como sua luta, o senhor nos inspira a seguir adiante e a desenvolver um trabalho de amorosidade, compreensão, acolhimento e escuta com nossos educandos.

Procuramos seguir os ensinamentos que o senhor gentilmente nos trouxe em sua mais sublime obra **Pedagogia do oprimido** (2022)<sup>3</sup>. Sua escrita, tão encantadora, permeia nossos pensamentos. Temos vivido tempos difíceis no cenário atual. Os professores têm sido perseguidos e atacados. Não tão explicitamente como em sua época, mas de maneira severa, e o verbo que mais conjugamos na atualidade é o *Resistir*.

*Te agradeço*, querido Paulo Freire, por ter nos ajudado a ser resistentes, a seguir em nossa luta, apesar de todos os desafios da profissão docente. E, principalmente, a vencer nossos medos como educadores. Outro verbo importante, que o senhor como professor dos professores nos ensinou a conjugar, foi o verbo *esperançar*. Sigo conjugando esse verbo nas rodas da vida como professora, como educadora, com o coração cheio de amor e paz e esperança.

Acredito que mesmo sem lhe conhecer eu já seguia seus passos, trabalhando com o voluntariado. Trabalhei como voluntária em uma creche pública aos 14 anos de idade. Era uma instituição voltada para crianças carentes, na qual elas eram cuidadas e as mães, em sua maioria solteiras, recebiam ajuda assistencialista. Durante minha estadia nessa instituição, busquei o meu máximo, para que as crianças se sentissem seguras, cuidadas, amadas e respeitadas. Olhando aqueles rostinhos, olhinhos e sorrisos eu me recordava da minha infância, de quando, ainda no segundo ano do ensino fundamental, eu descobri a minha cor de pele, pois, até então, essa questão de cor e racismo não existia para mim. Descobri isso através das atitudes de uma professora racista e preconceituosa. Eu descobri que minha cor era diferente e que isso doía.

Foram tempos difíceis, pois continuei tendo aula com essa professora até o quarto ano. Porém, tenho orgulho de dizer que passei por esses tempos com bravura. Não vou dizer que não chorei. Chorei muito, me isolei e criei estratégias para não ir para a escola. Porém, todas elas foram derrubadas pela minha mãe, que era uma fera e nem imagina o que se passava dentro daqueles muros e portões fechados.

Recordo-me nitidamente de quando eu recebi meu boletim escolar, no quarto ano. Eu chorava descontroladamente e ninguém entendia nada, porque afinal eu havia passado de ano e com notas altas! Hoje, já adulta e com o coração curado, eu sei que aquele choro era de libertação, porque eu precisava tirar toda amargura e dor do peito para começar a viver uma nova fase, sem aquela professora opressora que me frustrou durante todo o ensino fundamental. Aquela história se encerrava ali!

Porém, no ensino médio a minha descoberta foi outra. Se no ensino fundamental, até a triste experiência, eu não me atentava para a minha cor de pele, no ensino médio eu descobri outra realidade. Descobri que existia outro fator dominante, conhecido como classe social e que eu, nitidamente, fazia parte da classe mais baixa, por ser filha de empregada doméstica e de agricultor. Porém, nessa época era mais tranquilo, porque eu já sabia qual era o meu lugar e, então, pensava que era só eu não ultrapassar os limites. O colégio, na minha época, era como uma selva dividida por grupos ou tribos. Cada um tinha o seu e era mais fácil viver assim. Eu não tinha mais aquela professora do ensino fundamental que me

---

<sup>3</sup> FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 82 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

oprimia. Agora eu fazia parte de um grupo e isso me tranquilizava de certa forma. Estudava, tinha um grupo de iguais para fazer parte e vivia minha adolescência feliz na vida escolar.

Como já lhe contei no início da carta, eu sempre fui sonhadora e sempre busquei oportunidades de realizar meus sonhos. E, justamente por buscar a realização desses sonhos, comecei a estudar a noite para trabalhar durante o dia. E tudo ia fluindo bem na minha imaginação. Estava louca para prestar o vestibular para pedagogia e dar início ao meu sonho de ser professora. Nessa época, existia na Universidade Federal de Viçosa (UFV) um programa chamado Programa de Avaliação Seriada para Ingresso no Ensino Superior (PASES), pelo qual os estudantes podiam fazer o vestibular por etapas. Esse programa consistia em avaliar os estudantes nos três anos do ensino médio e, após a terceira avaliação, eles eram classificados para concorrer a uma das vagas oferecidas pela universidade.

Sabe por que estou lhe contando tudo isso, saudoso Paulo Freire? Porque foi ao me inscrever nesse programa que tomei uma rasteira, dada pelo sistema, pois o governo implementou um novo programa, no qual os estudantes que estudavam a noite teriam que cursar duas séries em um mesmo ano. Seria o programa acertando passos, assim, os alunos que eles consideravam atrasados poderiam cursar dois anos em um. Pelo que o governo estipulou, aos 15 anos de idade o aluno deveria estar iniciando o Ensino Médio. Mas, sabemos bem que a realidade da nossa educação básica brasileira é outra, devido ao fato de que muitos estudantes de baixa renda precisam trabalhar, até mesmo para ajudar a família, gerando, muitas vezes, um descompasso na idade e na formação desses jovens. E muitos sofreram com essa decisão, pois foi justamente no ano em que fariam a primeira etapa do PASES que fomos obrigados a cumprir duas etapas do ensino médio no mesmo ano, destruindo a oportunidade de muitos jovens que sonhavam com a entrada em uma universidade.

Como sempre, as classes pobres continuaram oprimidas, enquanto as classes dominantes seguiam a vida normalmente. Nesse caso específico, os alunos das escolas particulares puderam fazer o vestibular seriado normalmente e, nós, das escolas públicas, nos tornamos mais uma vez a classe excluída pelo sistema - que deveria criar programas para nos ajudar ou nos colocar em situação de igualdade com as classes dominantes. Isso seria nos libertar de verdade de toda farsa que a educação do Brasil é para todos.

Porém, mais uma vez utilizando do seu verbo *esperançar* como guia, não me deixei abater. Como já lhe contei, procurei fazer o curso de magistério, sempre dando o meu melhor, buscando oportunidades e nunca me deixando abater pelas adversidades da vida. Sempre carreguei comigo, e ainda carrego, a sua ideia de que a educação é o meio de libertação, tanto dos opressores quanto dos oprimidos. Suas palavras nos dão direcionamento. Por mais que tentem apagá-lo, o senhor estará vivo para sempre em nossa memória, em nossos corações. O professor é sempre um aprendiz que precisa estudar, como o senhor mesmo nos disse.

Saudoso Paulo Freire, como o senhor tem feito falta nesses tempos atuais. Os professores têm sido massacrados, pois precisam sobreviver e é exatamente por isso que muitas vezes possuem dois cargos, não lhes sobrando tempo para conhecer seus alunos de verdade. Falo daquele olhar que o senhor possuía e que conseguia, através do contexto, extrair palavras geradoras para alfabetizar os adultos trabalhadores que desejavam aprender a ler e escrever, apesar das contingências da vida. O senhor conhecia seus alunos e suas realidades. Em função do pouco tempo que os professores têm para estudar e planejar, eles

acabam priorizando o uso dos livros didáticos. Conhecendo um pouco de seu trabalho, caro amigo, penso que se fossemos escolher uma palavra geradora hoje, ela seria *Resistir*: à desvalorização, à desmotivação, às cobranças, às violações de nossos direitos e ao desrespeito social e político. Mas, mesmo assim, penso que devemos seguir na luta por reconhecimento, por justiça, verdade e legitimidade das nossas ações.

Eu ouvia falar de Paulo Freire, porém foi no mestrado em educação que pude conhecer suas obras de verdade, sua trajetória e história de vida. Esta experiência se deu na disciplina que uma querida professora nos ofertou. E te confesso que tive uma expansão da mente com suas obras, com sua maneira de ensinar, de enxergar o outro, de acolher. Tive a oportunidade de olhar para ações que passavam despercebidas por mim e que hoje, com olhares mais críticos e a partir de seus ensinamentos, fazem toda diferença na minha vida. Sua práxis me inspira a ser, a cada dia que passa, uma professora melhor. Quando começo a refletir, vejo que, por mais que eu tenha sofrido ou sido injustiçada, nada do que eu passei se compara com a perseguição que o senhor sofreu, no Brasil e enquanto exilado. Sinto muito que o senhor tenha passado por tudo isso para nos deixar esse legado tão bonito.

Sua trajetória mexe muito com minha existência, porque apesar de o senhor ter passado por tanta injustiça, continuou a sua vida tendo fé em Deus e nas pessoas, continuou a lutar pelos oprimidos. Sua quinta carta, que aqui eu ensaio a responder, foi a que eu mais me identifiquei, por se parecer muito com todos os sentimentos conflitantes que senti em meu primeiro dia em sala de aula como professora.

Porém, todas as outras nos trazem lições e aprendizados para minha práxis enquanto professora. Terminando essa carta lhe agradeço, querido mestre, por suas obras e seus ensinamentos. É muito bom poder estar hoje e nesses tempos atuais contando com suas escrituras que para nós são sagradas. Gostaria que essa carta chegasse ao seu coração e que o senhor pudesse sentir que tudo o que passou não foi em vão, porque, ainda hoje, você inspira muitos educadores. E que bom que seja assim! Isso te torna vivo entre nós.

Termino por aqui, ansiosa pelas próximas leituras...

Um abraço fraterno!